

OS MÉTODOS ECONÔMICOS E SUAS ABORDAGENS NA ATUALIDADE: O RESGATE DO MÉTODO HISTÓRICO-DEDUTIVO E DO MÉTODO DIALÉTICO

Júlia Cristina Schmidt¹
Adrieli Zanquin²
Cleide Fátima Moretto³

Resumo: Considerando-se a economia uma ciência social aplicada, o presente texto visa discutir os métodos econômicos e quais abordagens metodológicas convencionalmente vem sendo utilizadas pelos economistas na atualidade. Para tanto, objetiva-se discutir a síntese neoclássica e suas abordagens metodológicas, analisando como estas se sobressaíram em relação aos métodos utilizados pelas escolas clássicas. Frente à mudança metodológica, identificou-se a transição de modelos, do histórico-dedutivo ao hipotético-dedutivo. Cabe ao primeiro tópico resgatar a história metodológica econômica e diferenciar quais os métodos foram utilizados pelos economistas, principalmente, no que tange a síntese da economia clássica e da economia neoclássica. Em segundo momento, revisaram-se as bases do método dialético e percebeu-se que a preferência pelos métodos neoclássicos provocou o abandono da abordagem metodológica histórica e dialética. Enquanto economistas é fundamental o entendimento de ambos os métodos econômicos, portanto, é necessária também a utilização do método histórico dialético, uma vez que este se configura como uma ferramenta dinâmica de análise para a percepção das contradições sociais e às mudanças pelas quais a sociedade pode se deparar.

Palavras-chave: História metodológica econômica, método econômico, dialética.

JEL Classification: B41.

Introdução

O presente texto objetiva discutir as sínteses metodológicas econômicas e quais as abordagens utilizam-se atualmente. A história do pensamento econômico nos mostra que diversos foram os métodos utilizados. Porém, é necessário questionar acerca de quais métodos adotou-se ao longo da história e quais são as correntes apontadas como “atuais”.

Enquanto economistas é indispensável a melhor alocação dos métodos para a resolução ótima de um problema. Mas quais métodos estes utilizam? Esta é sempre uma grande questão para a economia, uma vez que os economistas podem escolher seus métodos de acordo com as intenções de resolução do problema.

¹Acadêmica do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Passo Fundo. E-mail para contato juliacristinaschmidt@gmail.com

²Acadêmica do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Passo Fundo. E-mail para contato adrielizanquin@gmail.com

³Doutora em Teoria Econômica pela Universidade de São Paulo. Professora do Curso de Ciências Econômicas e dos Programas de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano e em Ciências Ambientais pela Universidade de Passo Fundo.

Entre os métodos utilizados no decorrer da história econômica, percebeu-se a transição do histórico-dedutivo ao hipotético-dedutivo. Adam Smith, considerado introdutor da economia moderna, partiu da observação da realidade, assim como, fizeram outros economistas da época. É dito que estes economistas observam a realidade pelos fatos e, deste modo, formulavam suas teorias. Este método histórico-dedutivo correspondeu a abordagem da economia clássica.

Posteriormente e, em consonância com a ascensão do positivismo, a economia passou a assumir características do método hipotético-dedutivo, que utiliza critérios lógicos de validade, nascendo, desta forma, a economia neoclássica. Diante de tal mudança metodológica, percebe-se a transição de modelos.

Frente a transição apontada, remete-nos a questão: Como as bases metodológicas da história do pensamento econômico seguiram-se a ponto de ocorrer a transição do método histórico-dedutivo ao hipotético-dedutivo? Com a mudança metodológica neoclássica, qual a importância de resgatar métodos “antigos” como o método histórico-dedutivo?

O presente texto pretende abranger a metodologia econômica e o resgate do método histórico-dedutivo de acordo com a revisão de literatura do tipo narrativa. Procura-se contribuir para o conhecimento científico e metodológico econômico, pois acredita-se que este espaço de reconstrução histórica, aos poucos vem sendo perdido por entre as “grades” dos cursos de Ciências Econômicas. Nesse sentido, a presente contribuição teórica não pretende dar um diagnóstico fechado acerca de qual método deve ser utilizado pelos economistas, mas pretende revisitar os métodos já utilizados a fim de retomar o debate sobre a questão.

As seções do artigo serão divididas, primeiramente, pela discussão do método ao longo da história econômica e, posteriormente, aponta-se o resgate do método histórico-dedutivo e da dialética. Finaliza-se com a conclusão apontada pelos autores.

1 A história metodológica econômica e a transição de modelos

Corazza (2009) apresenta a existência de duas diferentes visões para a origem e a evolução da ciência econômica. Ele menciona que a origem da ciência econômica incidiu sobre a formação capitalista, pela existência do capital e sobre a produção de mercadorias que influenciaram de forma considerável “nas relações de trabalho, conferindo-lhe nova finalidade, a do lucro e a da valorização do capital e não mais a produção de bens e serviços para satisfazer as necessidades humanas” (CORAZZA, 2009, p. 1).

De acordo com Bresser-Pereira (2009), a economia tem por objetivo o entendimento dos sistemas econômicos, afim de que os agentes possam influenciá-lo através das políticas econômicas. A história metodológica econômica vislumbrou a transição de modelos metodológicos na economia. A princípio, economistas como Adam Smith e Karl Marx utilizaram o método histórico-dedutivo nas suas observações sobre o sistema econômico, o que se determinou como o método predominantemente utilizado pelas escolas clássicas. Posteriormente, com a escola neoclássica e, em consonância ao positivismo, a economia começa a assumir características do método hipotético-dedutivo (BRESSER-PEIREIRA, 2009).

Ainda que ambas tenham como objetivo de chegar a compreensão dos sistemas econômicos, a transição metodológica do histórico-dedutivo ao hipotético-dedutivo contribuiu para o afastamento da discussão epistemológica e metodológica das correntes que se sucederam. De acordo com Singer (2004), a mudança metodológica correspondeu a transição da economia política à economia neoclássica, marcada pela transição de modelos do valor trabalho para o valor utilidade. Neste ponto, ocorre a instrumentalização dos estudos econômicos, com forte apelo à abordagem hipotético-dedutiva (BRESSER-PEREIRA, 2009).

Bresser-Pereira (2009, p. 166), aponta que o método hipotético-dedutivo é largamente utilizado na análise econômica, pois permite hipóteses precisas e quantificáveis, onde se assume “a consistência lógica como critério de verdade”, ocorre aí a formalização das discussões a luz da quantificação matemática. O método hipotético-dedutivo é válido na medida em que assume a racionalização e os pressupostos da racionalidade econômica (BRESSER-PEREIRA, 2009).

O método histórico-dedutivo, segundo Bresser-Pereira (2009, p. 167), é o mais adequado a economia, pois “a complexidade e o caráter de mudança dos sistemas econômicos tornam impossível derivar modelos relevantes apenas de algumas hipóteses”. O autor aponta que o método histórico-dedutivo é “histórico” porque observa a realidade e procura generalizar a partir dela, é “dedutivo” porque faz deduções, onde o objetivo é chegar em uma visão acerca das percepções da realidade. Este método, ao contrário do hipotético, não parte de simples pressupostos, mas da observação da mudança da realidade, por isso, aponta-se ser o melhor método para a percepção das contradições da economia.

2 O método histórico-dedutivo e a dialética

O método histórico dedutivo, apontado por Bresser-Pereira (2009), possibilita a percepção de fenômenos que não seriam obtidos através de outros métodos. Segundo o autor,

[...] na esfera social, causas e consequências não se distinguem claramente, e a consequência quase sempre retroalimenta a causa presumida. A realidade social é intrinsecamente histórica, porque está em permanente mudança, e é intrinsecamente contraditória, porque os sistemas sociais se compõem de atores individuais que, embora socialmente condicionados ou determinados, são livres e responsáveis para fazer escolhas que muitas vezes são conflitantes; porque são atores em processo de aprendizado, que mudam com a experiência; e porque, ao fazer isso, eles mudam permanentemente as estruturas sociais e principalmente criam cultura e instituições que, por sua vez, mudam as preferências individuais (BRESSER-PEREIRA, 2009, p. 170).

Sendo a economia uma ciência social, a importância do método histórico-dedutivo é evidenciada por meio da análise que não parte de simplificações lógicas, mas da percepção das mudanças e complexidades que permeiam a realidade.

Entre os métodos históricos-dedutivos, a dialética proposta por Marx é a principal linha que percorreu a economia política quando falamos em economia clássica. Cerqueira (2015, p.826) aponta que uma “grande parte dos conceitos que empregamos para pensar o mundo contemporâneo deriva direta ou indiretamente de seus trabalhos”. As obras de Marx expressam a forma como ele percebeu as contradições sociais e as relações materiais construídas ao longo da história. Por meio do método dialético é possível compreender as transformações sociais, o método pelo qual foi utilizado para elaborar a concepção materialista-histórica (PEREIRA; FRANCIOLI, 2011).

A dialética tem em sua base a explicação dos movimentos e a transformação da realidade. Como forma de interpretação de mundo, Prado (2009) enfatiza que o método de avançar do abstrato ao concreto, podendo ainda tratar a história numa totalidade plena, desde as mais simples e irrelevantes questões, até as mais grandiosas e complexas divagações da mente humana, só pode ser compreendida pela dialética. O método dialético compreende, segundo Costa (2010, p.63), o “movimento contraditório dentro de unidades que a cada nova etapa nega e supera a etapa anterior, num fluxo contínuo de superação-renovação”.

Smith e Ollman (1998) explicam a dialética como o método para investigar a realidade em que as análises dos conjuntos de categorias não são perdidas e nem distorcidas, as interpretações dialéticas se dão na análise do todo. De acordo com Sgarbieiro e Bourguignon (2011, p.15), “o método dialético possibilita revelar o processo contraditório e complexo que cerca o objeto, estudando o contexto e fugindo da formalidade”.

Contudo, Silva (2013) aponta que na Idade Média e Moderna, a dialética foi esquecida. Costa (2010) assume que é com Hegel, que a dialética volta a ocupar seu lugar na filosofia, desenvolvendo-a sob a relação de movimento. No entanto, Marx supera tanto a condição idealista hegeliana, propondo em sua concepção materialista a base histórica. Silva (2013) evidencia que é com Marx e Engels, que a dialética retoma sua condição filosófica e científica, construindo novos fundamentos acerca do conhecimento. Nesse sentido, quando se refere a “termos dialéticos” trabalha-se com o método hegeliano, entretanto, Marx expõe-se pelos movimentos e pelas contradições da realidade. É a partir da crítica a dialética de Hegel que Marx o opõe, colocando a relação entre ser e mundo em uma aproximação à ação histórica.

Costa (2010) explica que, em *O Capital*, Marx desenvolve a dialética como fundamento metodológico e teórico. O autor aponta que é a partir de *A Ideologia Alemã*, escrita juntamente com Engels, que se dá o nascimento da dialética, que apesar de ter sido tratada por Hegel e Feuerbach, em Marx e Engels há compreensão da sociedade por meio da concepção materialista histórica. De acordo com o autor, tal tentativa resgata o sentido social-histórico de compreensão da realidade, voltando-se as unidades sociais e as forças produtivas.

Já no que diz respeito aos relatos das origens da dialética materialista, Engels acompanha a bifurcação da trajetória entre filosofia e ciência e não deixa de repercutir o método “ora descrito com traços de concepção filosófica, ora como pura metodologia científica” (MUSSE, 2005, p.376).

Melo (2011, p.23) aponta que a dialética possui uma substância social nos textos da maturidade de Marx, o que o leva a acreditar que a estruturação da dialética, neste ponto, “permite que compreendamos o sentido da ação social e a racionalidade que lhe é imanente”.

O materialismo proposto por Marx trazia consigo o objetivo de entender o processo capitalista que se instalava à época, trazendo a esperança de um equilíbrio para as classes dominantes e dominadas, “[...] considerando que os homens se caracterizam por um permanente *vir a ser*, a relação entre os homens não está dada, mas precisa ser construída” (PIRES, 1997, p.90).

Musse (2005) questiona-se qual o motivo de dar tanta ênfase no método e porquê concentrar-se tanto em pressupostos e consequências metodológicas de forma deliberada. O autor afirma que não se propõe apenas resgatar os moldes do texto, mas a pertinência prática da abordagem marxiana, onde as experiências históricas só podem ser compreendidas pela linha materialista histórica. Para o autor é possível, como instrumento de conhecimento,

entender o passado e o futuro da sociedade pelo método de Marx, que constitui a base do marxismo ortodoxo.

Musse (2005) destaca que a essência prática do marxismo depende de dimensões teóricas e que nem sempre são visíveis. O objetivo real da dialética marxiana é “pôr em movimento as relações petrificadas”, essa exigência “resume todo o programa teórico e prático da dialética” (COHN, 2016, p.33). O método dialético enquanto componente explicativo da realidade social, em sua totalidade, de acordo com Yamauti (2006, p.244) “propicia o conhecimento de suas contradições essenciais”.

Smith e Ollman (1998) ressaltam que nenhuma ideia pode ser apreendida além de sua forma, e para Marx a forma de suas teorias é a dialética. Os autores argumentam que se necessita estudar a dialética para compreender o legado marxiano. Assim como apontam os autores, a dialética não explica o capitalismo, mas ajuda a investigar as relações e processos capitalistas. Nesse sentido, os autores argumentam que usando a dialética pode-se desenvolver teorias e o marxismo é uma dessas teorias.

Considerações finais

Frente ao propósito de identificar os métodos utilizados na atualidade pelos economistas, identificou-se o método hipotético-dedutivo, evidenciados pela transição metodológica. Por meio da pesquisa realizada, observou-se que a transição metodológica fez com o que o método histórico-dedutivo fosse menos utilizado.

Propõe-se o resgate do método histórico-dedutivo e do método dialético, por visualizar as unidades de contrários e os mecanismos de percepção das contradições, que se configura como uma abordagem importante para a compreensão da realidade em sua totalidade. A dialética, em especial, abordada na configuração do materialismo histórico é uma complexa ferramenta, pois, possibilita a percepção das contradições com as quais a sociedade se depara, uma vez que percebe as mudanças e as transformações que ocorre na realidade e no todo.

Discutir e compreender a forma como transitou os métodos econômicos torna-se um importante resgate histórico e argumentativo econômico, pois o resgate do método apontado configura-se para o entendimento das contradições sociais e também como uma ferramenta dinâmica de compreensão do todo perante às mudanças pelas quais a sociedade pode se deparar.

Enquanto economistas, o entendimento dos métodos e das configurações econômicas é importante para a percepção da realidade social, que em si não se move exclusivamente pelo

econômico, mas pela análise do social em sua totalidade. O debate histórico sobre a abordagem metodológica histórico-dedutiva e da dialética é também importante nesta construção de conhecimento.

Referências

AMERICAN ECONOMIC ASSOCIATION - AEA. JelClassification System. Nashville. Disponível em: < <https://www.aeaweb.org/econlit/jelCodes.php?view=econlit&print>>. Acesso em: 14 de ago. 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Os dois métodos e o núcleo duro da teoria econômica. **Revista de Economia Política**. v. 29, n. 2. p. 163-190, abr./jun. 2009.

CERQUEIRA, Hugo E. A. G. Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 825-844, out./dez. 2015.

COHN, Gabriel. O tempo e o modo: temas de dialética marxista. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 33-60, abr. 2016.

CORAZZA, Gentil. Ciência e método na história do pensamento econômico. **Revista de economia**. Editora UFPR: v. 35, n. 2, p. 107-135, maio/ago. 2009.

COSTA, Cesar. A. S. da. Premissas conceituais sobre a formação do materialismo de Marx. **Praxis filosófica**, Cali, n. 31, p. 61-72, jul./dez. 2010.

MELO, Rúrion. Crítica e contradição: qual herança marxista?. **Novos estudos**, São Paulo, n. 90, jul. 2011.

MUSSE, Ricardo. A dialética como discurso do método. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 367-389, jun. 2005.

PEREIRA, João J. B. J.; FRANCIOLI, Fatima A. de S. Materialismo histórico-dialético: contribuições para a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 93-101, dez. 2011.

PIRES, Marília F. C. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n.1, p. 83-95, ago. 1997.

PRADO, Carlos. A dialética expositiva de O Capital de Karl Marx. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.9. n. 100, p. 134-141, set. 2009.

SGARBIEIRO, Márcia; BOURGUIGNON, Jussara A.. Apontamentos acerca dos métodos de pesquisa nas ciências sociais. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 9-19, 2011.

SINGER, Paul Israel. **Curso de introdução a economia política**. ed. 17. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A(s) disciplinaridade(s) da ciência da informação: aplicação das leis da dialética marxista no contexto pluri, inter e transdisciplinar. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 1-20, maio/ago. 2013.

SMITH, Tony; OLLMAN, Bertell. Dialectics: Dialectics: The New Frontier. *Science & Society*, v. 62, n. 3, p. 333-337, 1998.

YAMAUTI, Nilson N. O método dialético na produção de conhecimento nas ciências sociais. *Acta scientiarum human and social sciences*, Maringá, v. 28, n. 2, p. 241-247, 2006.